

A construção do arquivo no processo de pesquisa: o caso Adolfo Caminha.

Doutorando Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra¹ (Unesp)

Resumo:

Adolfo Caminha publicou o conjunto de sua obra em pouco mais de uma década. Parte dela foi reunida em livro por ele; outra parte encontra-se dispersa em arquivos e bibliotecas públicas e particulares no Brasil. Ao longo de nossa pesquisa reunimos e catalogamos parte do material disperso para tentar constituir no Ceará um arquivo do escritor. Nesta comunicação, trataremos dos objetivos alcançados até o momento e dos seus desdobramentos na área dos estudos literários.

Palavras-chave: Adolfo Caminha, arquivo, fontes, pesquisa, autor.

Introdução

A escrita do presente artigo foi motivada pelas nossas reflexões a respeito das fontes que reunimos ao longo do processo de pesquisa e que resultou em uma especialização, um mestrado e um doutorado em andamento. Além de textos esparsos publicados em periódicos, procuramos conhecer as obras de Caminha em suas diversas edições. Investigamos ainda a sua atuação no campo do jornalismo de circulação e literário, destacadamente *O Diário* e *A Nova Revista*. A respeito de sua atuação como crítico literário procuramos conhecer os seus artigos críticos nos suportes em que foram originalmente publicados, ou seja, em jornal e em livro. O que de início era uma preocupação com as fontes deu origem a reflexões próprias dos estudos literários, como veremos à frente.

1 O conjunto da obra de Adolfo Caminha: aproximações.

1.1 O itinerário de pesquisa

Costuma-se dizer que a pesquisa é uma atividade solitária. O mesmo diz-se do processo de escrita. Na nossa compreensão, o processo que envolve pesquisa e escrita é um dos que mais permite o diálogo, destacadamente quando o pesquisador lida com autores do século XIX e preocupa-se em reunir fontes. O diálogo é possivelmente o instrumento mais necessário para se acessar fontes em instituições públicas e privadas. Quem se aventurou a fazê-lo deve saber do que estamos falando. E, neste caso, aventurar-se é o verbo mais correto para reunir, organizar, catalogar, coligir fontes de origens diversas. Ao longo deste itinerário, os obstáculos são os mais diversos.

Antes de partirmos para o processo de escrita, reunimos tudo o que foi possível. A etapa inicial foi realizada em Fortaleza, na biblioteca da Academia Cearense de Letras, no Instituto do Ceará, na Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel e na Biblioteca Municipal Dolor Barreira. Nesta, encontramos um exemplar da primeira edição do livro *Cartas literárias* encadernado indevidamente com livros de outros autores. Contamos com a colaboração do Professor Dr. Sânzio de Azevedo (UFC), que nos cedeu de sua biblioteca particular livros, artigos e todos os 59 números do jornal *O Diário*, o que nos possibilitou conhecer a atuação de Caminha como editor de jornal de circulação na capital do Ceará em 1891. Azevedo cedeu-nos também cópia dos dois primeiros livros de Caminha – *Vôos incertos (primeiras páginas)* e *Judith e Lágrimas de um crente* – ambos de 1897 e raríssimos. Azevedo cedeu-nos também cópia do único prefácio escrito por Caminha para o livro *Estrofes*, de F. Alves Lima, intitulado “Carta”.

A segunda etapa da coleta de fontes foi realizada no Rio de Janeiro. No acervo da Fundação Biblioteca Nacional reunimos os 12 artigos publicados com o título *Cartas literárias*, dos quais nos ocuparemos a seguir. No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa reunimos os nove números de *A Nova Revista*, último periódico editado por Adolfo Caminha em 1896 no Rio de Janeiro, o que nos possibilitou conhecer a sua atuação como editor de um periódico literário, e o que nos deu a oportunidade de traçar uma possível rede de relacionamentos entre ele e seus pares da República das Le-

tras e conhecer um pouco mais das suas leituras, notadamente na seção intitulada Notas Bibliográficas em que comentava os livros e periódicos nacionais e internacionais que chegavam à redação.

Cumpridas estas duas etapas, o processo não se encerrou. À medida que escrevemos procuramos reunir mais fontes, desta vez sobre a obra de Adolfo Caminha ou o que chamamos de fortuna crítica. Nesta etapa, o contato com vários pesquisadores foi essencial. As ferramentas da tecnologia atual nos facilitaram imensamente o contato com estudiosos de Adolfo Caminha no Brasil, o que também nos permitiu reunir artigos de bases de dados como o *Scielo*. Percorrer os sebos de várias capitais brasileiras tem sido também uma exigência da pesquisa, sobretudo quando passamos a investigar as leituras de Adolfo Caminha.

Quando nos interessamos pela atuação dos editores de Caminha e os organizadores de edição, estes sujeitos a quem Robert Darnton chamou de “os intermediários esquecidos da literatura” (DARNTON, 1990, p. 132 – 145), não menos importante foi a aquisição de diversas edições de *A Normalista*. Sobre a importância de comparar edições trataremos a seguir, notadamente no caso do romance citado. Dito deste modo bastante resumido, talvez se perca do itinerário de pesquisa a sua importância principal: a preocupação do pesquisado em conhecer da melhor forma possível o material que ele elegeu como fonte e daí estabelecer problematizações, comparações, encaminhamentos e protocolos de pesquisa que atendam aos seus objetivos.

O nosso objetivo principal é definir a atuação de Caminha como um autor polígrafo, ou seja, aquele que não somente escreve sobre vários temas em formatos e gêneros diferentes, mas que estabelece diálogos entre eles. Neste sentido, o autor como uma das categorias dos estudos literários está no centro de nossos interesses. Do conjunto da obra de Adolfo Caminha, as únicas fontes que nos permitiam uma aproximação do seu fazer autoral foram os artigos intitulados *Cartas literárias* e as suas edições em jornal e em livro. Foi então nossa preocupação estabelecer comparações entre as versões dos textos nos suportes em que foram publicados, como veremos no próximo tópico.

1.2 As *Cartas literárias* como fonte para o estudo da categoria autor no conjunto da obra de Adolfo Caminha

Das fontes reunidas no processo de pesquisa, destacamos aqui os doze artigos críticos intitulados *Cartas literárias*, que foram publicados entre novembro de 1893 e junho de 1894 no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, pois eles nos possibilitam discutir uma das categorias dos estudos literários: o autor. Estes artigos foram acrescidos de mais dez e publicados em livro com o mesmo título em 1895, ou seja, os artigos foram publicados em dois suportes.

Alceu Amoroso Lima ao se ocupar das *Cartas* destacou a assinatura das mesmas com o uso de iniciais trocadas – C. A. em vez de A. C. – o que fizera com que ele conferisse a autoria das mesmas a Capistrano de Abreu, alegando que “O têor das *Cartas* revelava serem escritas por pessoa do Norte, cearense, homem culto, contemporâneo do movimento naturalista, e que revelava grande independência e isenção de ânimo. Tudo isso ia a calhar em Capistrano.” (LIMA, 1934, p. 94).

Mas o fato é que Lima descobrira, com a publicação em livro, que as *Cartas* pertenciam a Adolfo Caminha e afirmou: “Vejo agora que a hipótese mais inverossímil das três era a verdadeira.” (LIMA, 1934, p. 96). Outro motivo que levava Lima a dar a Capistrano e não a Caminha a autoria dos artigos foi que o primeiro deles era uma defesa ao romance *A Normalista*, ou seja, uma crítica em causa própria, motivada talvez por não haver quem o fizesse ou por querer fazer com que o artigo fosse mesmo de Capistrano, que já era então nome de referência no meio intelectual.

Ainda segundo Lima, fora o próprio Caminha que, na passagem do jornal para o livro, “alterou habilmente a crônica a *Normalista*” (LIMA, 1934, p. 96). Portanto, consideramos que as demais alterações também são de Adolfo Caminha, o que nos fez procurar conhecer os artigos no suporte jornal a fim de saber o que fora modificado pelo seu autor que se fez leitor de si mesmo, indicando, desse modo, mais uma atuação do polígrafo, uma vez que a escrita não se faz sem a leitura.

Com o estudo comparativo das duas edições é possível saber o que fora alterado, seja por acréscimo ou supressão. Vale destacar que não lidamos com manuscritos, mas com textos impressos. Segundo a metodologia da crítica textual, as cópias manuscritas ou impressas se transformam em tradição do texto original: “Quando o original se perdeu, e só temos as cópias dele, manuscritas ou impressas que sejam, o conjunto das cópias indica-se como tradição, formada por testemunhos: cada um, de fato, testemunha do original perdido, e transmite uma cópia dele.” (SPAGIGIARI, PERUGI, 2004, p. 19).

No caso da autocrítica referente ao seu romance *A Normalista*, o que se conclui do confronto das edições é que Adolfo Caminha pode dizer-se, uma vez que estava resguardado sob o pseudônimo de C. A. Este resguardo possibilitou ao autor referir-se a si mesmo elogiosamente, não faltando ao artigo o uso, até certo modo abusivo, de adjetivos positivos à sua atuação como escritor, como podemos ler no parágrafo septuagésimo terceiro, no qual C. A. chama Adolfo Caminha de “sagaz e esmiuçador”, sendo que o mesmo não vemos na edição em livro. Diferentemente de C. A., Adolfo Caminha é bem menos taxativo nas suas afirmações que, em alguns casos, foram transformadas em interrogações. Assim, a troca das iniciais funcionou como uma máscara e evidenciou também o diálogo entre os fazeres crítico e autoral que lhe eram comuns.

No conjunto de artigos, as alterações são dos mais diversos tipos e podem ser classificadas quanto à atuação mecânica como alterações por supressão ou acréscimo de letras, frase, parágrafos, pontuação etc. Outra possibilidade de organização destas alterações está na sua atuação nas camadas morfológica, semântica e sintática do texto, o que interfere também no significado e na significação do conteúdo. Nos 12 artigos publicados na *Gazeta de Notícias* e depois publicados em livro, constatamos 504 alterações. Somente no caso do primeiro artigo detectamos 88 alterações.

A primeira destas alterações é o fato de Caminha assumir-se autor do artigo. Ao fazê-lo ele restitui a tradição da autoria em seus artigos, o que nem sempre foi uma preocupação dos autores, como já o afirmaram Roland Barthes (1988) e Michel Foucault (2006). Ao fazer esta restituição sai de cena aquele que se disse, ou seja, a retirada da máscara vestida por C. A. dá origem a um autor menos elogioso de si e de sua obra, mas não menos contundente ao defendê-la, uma vez que assume este aspecto intitulado o artigo “Em defesa própria”. Assim, ele fez jus à consideração a respeito do romance *Lupe*, de Afonso Celso: “O pronome eu, este antipático pronome que anda na boca dos vaidosos, repugna ao bom senso e produz um efeito detestável quando sai da pena de um homem inteligente para elogiar a si próprio.” (CAMINHA, 1999, p. 138).

No parágrafo nove do artigo publicado em jornal, afirma C. A.: “Confessando-me admirador do talento do Sr. Caminha, direi, a proposito da *Normalista*, umas tantas cousas que há tempos andam-me no espírito”. Já na edição em livro lemos: “Direi, a proposito da *Normalista*, umas tantas cousas que há tempos andam-me no espírito”. Este é um exemplo claro de negação da cabotinagem, o que também pode ser constatado em diversas partes do artigo em causa como no quinquagésimo sétimo parágrafo, em que lemos na edição em jornal: “É o caso da *Normalista*, o interessante romance do Sr. Caminha, que tem para mim o duplo valor de ser um livro importante e trabalhado”. Na edição em livro há uma importante modificação por supressão: “É o caso da *Normalista*”.

Ao modificar o texto para a sua edição em livro, Caminha preocupou-se em atualizar a linguagem, usando “neste” em vez de “n’este” e seus similares. Outra modificação pequena, porém importante, foi o fato de na edição em livro o vocábulo “arte” passar a ser grafado com a inicial maiúscula, o que se relaciona com a defesa que Caminha fez do trabalho do artista, entre eles dos escritores, trabalho este que devia ser, na compreensão dele, remunerado para que o artista vivesse somente da sua Arte, o que se justificava pela crença de Caminha no caráter missionário da arte, caráter este que parecia marcar o engajamento dos nossos escritores naquele final de século, preocupados em não somente modernizar as letras nacionais, mas também o próprio país, uma vez que não raro questionam o papel do artista frente ao desenvolvimento da sociedade.

As 508 modificações ao todo e as 88 realizadas no artigo de defesa d'A *Normalista* mostram que Adolfo não somente preocupou-se em alterar os seus artigos a fim de reconhecer a sua autoria. Um fato importante também é o de ele tentar dar a este conjunto de artigos uma espécie de versão final para aquele suporte que era bem mais nobre, do ponto de vista do material do que o jornal: o livro. Ao coligir os seus artigos produzidos e publicados ao longo de uma década de atividade crítica, Caminha parece ter desejado legar a integridade de seu pensamento a respeito das obras que leu, dos conceitos em que acreditara e que de algum modo pusera em prática em suas atuações no campo literário. O cuidado em fazer as modificações também se deu com o objetivo de que as *Cartas literárias* alcançassem uma boa vendagem, uma vez que, segundo o já citado Alceu Amoroso Lima, elas foram “tão faladas”. (LIMA, 1934, p. 96).

Se chegamos a estas considerações a respeito da atuação do autor que procurou assegurar a autoria de seus artigos críticos, no tópico seguinte passamos a considerar o trabalho dos organizadores de edição, ou seja, os/as profissionais que de algum modo atuam sobre o conjunto da obra a fim de mantê-la em circulação.

2. Os (des)organizadores e os (des)caminhos da obra de Adolfo Caminha

2.1. As várias edições de uma obra

Outra etapa importante do processo de coleta de fontes foi a reunião de várias edições das obras de Caminha organizadas após a sua morte, em especial do seu romance *A Normalista*. Interessava-nos conhecer como atuaram os organizadores de edições sobre o texto e sobre o livro e quais valores foram agregados nas diversas edições dos romances de Adolfo Caminha ao longo do século XX.

No caso específico que tratamos aqui, isto é, o romance *A Normalista*, reunimos o máximo possível de suas edições. Com exceção da primeira, temos exemplares da segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, décima, décima primeira e décima terceira edições. Nesta última, organizada por Sânzio de Azevedo, que restabeleceu o texto conforme a edição príncipe, lemos a seguinte nota:

Sabóia Ribeiro, na edição d'A *Normalista* que preparou em 1965 e que supomos não chegou a ver impressa, pois ela é de 1972 e ele havia falecido em 1968, apontou, em várias edições do romance, a supressão de 16 linhas do final do capítulo III e 31 do começo do seguinte, o que fez com que fundissem dois capítulos num só, acarretando erro na numeração dos demais (o que, diga-se de passagem, veio até o fim dos anos 60). Além disso, havia “correções” como a de um trecho que na verdade era transcrição de frase de Eça de Queirós. (CAMINHA, 1998, p. 3)

Ao citar este exemplo da atuação dos organizadores, o que talvez Azevedo não soubesse é que esta edição mutilada corresponde exatamente à quinta edição, que traz biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença, editada pela Ediouro, infelizmente sem o ano de publicação. Apesar de lermos nas páginas pré-textuais da edição citada que “As nossas edições reproduzem **integralmente** os textos originais”, e neste caso o negrito é original, não é isso que constatamos. Trata-se, possivelmente, do maior exemplo de modificação executado por uma outra pessoa no texto original deste romance de Caminha.

Na edição citada, além de inúmeras alterações, o quarto e quinto capítulos foram fundidos em um só, resultando em uma diminuição no número total de capítulos, de 15 para 14. Na edição conforme o texto original, o quarto capítulo é composto de 192 parágrafos ou recuos, como preferimos nomear. Já o mesmo capítulo da quinta edição é formado de 329 parágrafos ou recuos. Como já dissemos, este fato se justifica, por terem sido ambos os capítulos fundidos em um só. Além da fusão, o organizador suprimiu linha, acrescentou palavras e trechos a fim de dar sentido à fusão que fizera. Vejamos então o texto na versão original e o texto modificado. Versão original:

João da Mata parou à beira da calçada afagando a pêra com os dedos magros e compridos, nervoso. Quem morreria?, pensava. E, assim que o préstito passou, foi andando devagar, cabeça baixa, equilibrando-se.

No outro lado da rua, o Romão, o negro Romão que fazia a limpeza da cidade, passava muito bêbado fazendo curvas, de calças arregaçadas até os joelhos, peito à mostra, com um desprezo quase sublime por tudo e por todos, gritando numa voz forte e aguardentada. - *Arre corno!*... - Um garoto atirou-lhe uma pedra.

Mas o negro, pendido pra frente, ziguezagueando, tropeçando, encostando-se às paredes, torto, baixo, o cabelo carapinha sujo de poeira, pardacento, repetia instintivamente, alto e bom som, o estribilho que todo o Ceará estava acostumado a ouvi-lo – *Arre corno!* - e que repercutia como uma verdade na tristeza calma da rua. [FIM DO CAPÍTULO IV]

[INICIO DO CAPÍTULO V]

Um tédio invencível, um desânimo infinito, foi-se apoderando de Maria do Carmo a ponto de lhe alterar os hábitos e as feições. Começou a emagrecer, a definhar, enfadando-se por dá cá aquela palha, maldizendo-se. Tudo a contrariava agora, tinha momentos de completo abandono de si mesma, o mais leve transtorno nos seus planos fazia-lhe vontade de chorar, de recolher-se ao seu quarto e desabafar consigo mesma, sem que ninguém visse, num choro silencioso. Estava-se tornando insociável como uma freira, tímida e nervosa como uma histérica. Ia à Escola para não contrariar os padrinhos, para evitar desconfianças, mas o seu desejo, o seu único desejo era viver só, numa espécie de deserto, longe de todo ruído, longe daquela gente e daquela casa, num lugar onde ela pudesse ver o Zuza todos os dias e dizer-lhe tudo que quisesse, tudo que lhe viesse à cabeça. O ruído que se levantou em torno de seu nome incomodava-a horivelmente, como o zumbir de uma vespa enorme que a perseguisse constantemente. - Que inferno! Todo o mundo metia-se com a sua vida, como se fosse uma grande cousa ela casar com o Zuza! Era melhor que fossem plantar batatas e não estivessem encafifando-a. Havia de casar-se com o Zuza, porque queria, não era da conta de ninguém, seu coração era livre como as andorinhas. Oh!...

Mas menina, quem diz o contrário?, perguntava a Campelinho. Eu sempre te aconselhei que o melhor partido era aceitar o amor do estudante. (CAMINHA, 1998, 58-59)

Versão da quinta edição:

João da Mata parou à beira da calçada afagando a pêra com os dedos magros e compridos, nervoso. - Quem morreria? Pensava. - E, assim que o préstito passou, foi andando devagar, cabeça baixa, equilibrando-se.

Maria do Carmo aborrecia-se com o que diziam dela com o Zuza! Era melhor que fossem plantar batatas e não estivessem encafifando-a. Havia de casar com o Zuza, porque queria, não era da conta de ninguém, seu coração era livre como as andorinhas. Oh. (CAMINHA, s. d., 45)

Vemos pelos trechos citados acima que ocorreu a supressão de dois longos parágrafos na passagem do quarto para o quinto capítulo. O motivo para tal não sabemos. Até o momento tudo o que dissermos são somente hipóteses. O que sabemos é que esta supressão alterou formalmente o texto. Não pretendemos com este exemplo afirmar que a atuação dos intermediários são sempre negativas. Sabemos que a ação de muitos concorreu para estabelecer textos, para tirar obras do esquecimento. Diante do que constatamos, parece-nos válido perguntar: a quem pertence este texto modificado? Vale destacar também que esta edição faz parte da “COLEÇÃO PRESTÍGIO”, formada por “Clássicos da literatura portuguesa – romance, poesia, teatro”, como podemos ler nas páginas pós-textuais.

Este fato, a nosso ver, mostra a importância da constituição e do estudo de arquivos de autores, pois eles podem contribuir para o estudo prático de categorias importantes para os estudos literários e suas áreas específicas como a história da literatura, que não leva em conta a atuação desses sujeitos, porém eles são mais e mais necessários para uma ressignificação da história da literatura, como afirmou Darnton: “O historiador de hoje precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, que leve em conta os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras.” (DARNTON, 1990, p. 132). E tratando destes homens e mulheres, ele foi ainda mais afirmativo:

O contato popular com a palavra inclui as mães que cantam versinhos, crianças que recitam versos de pular corda, adolescentes que contam piadas sujas e negros que trocam insultos rituais (“xingar aos pais”). Os historiadores podem preferir deixar essas pessoas para os antropólogos. Mas, mesmo que restrinjam a literatura à comunicação por meio da palavra impressa, eles poderiam ampliar a sua concepção, de modo a incluir algumas figuras pouco familiares – trapeiros, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros, e até leitores. A literatura livresca faz parte de um sistema que produz e distribui livros. Mas a maioria das pessoas que fizeram funcionar esse sistema desapareceu da história literária. Os grandes homens expeliram os homens médios, os intermediários. Vista da perspectiva dos transmissores da obra, a história literária poderia surgir a uma nova luz. (DARNTON, 1990, p.132)

Mesmo que tenhamos um texto estabelecido, essas edições podem ser consideradas como um testemunho dos (des)caminhos que as obras seguiram, são as marcas de uma história do processo de produção do qual o livro faz parte, o que implica em ações sobre o texto, ações estas que nem sempre são dominadas pelos autores.

Conclusão

Ao trazermos as modificações feitas por Adolfo Caminha em seus textos críticos conhecemos o autor leitor de si mesmo, uma vez que o autor-leitor é possível conhecer pelas citações e referências em seus romances e também nos textos críticos e conhecer, ao menos aproximadamente, os livros da biblioteca de Caminha. A constituição de um acervo no projeto de pesquisa dá ao pesquisador a possibilidade de ter uma aproximação do conjunto da obra do autor que se dedica a estudar. Os acervos, que até então pareciam ser importantes para outras áreas do conhecimento como a História, são mais e mais importantes para os estudos literários, não somente pela conservação, preservação e guarda de livros e documentos diversos, mas porque estas fontes podem contribuir para uma compreensão mais ampla de categorias dos estudos literários. A constituição de acervos de autores é também uma forma prática de resultado dos processos de pesquisa.

Procuramos também, na análise de parte do material coletado, trazer à cena os intermediários, estes sujeitos e suas práticas, pois o que se discute aqui, em essência, é o modo como o texto, e não somente o seu suporte material, o livro, é recebido pelos leitores. Se os estudos literários se resumirem ao estudo do texto pelo texto, desprezando os demais aspectos da obra, como então resolver o que trouxemos como exemplo? Desse modo, no caso apresentado, o estudioso do texto que levasse em consideração tão somente o texto, estaria estudando o texto de quem: de Adolfo Caminha ou de um dos organizadores? Se o texto é marcado por estas supressões, a lógica nos leva a afirmar, então, que o estudo intrínseco estaria estudando o texto de um sujeito que pouco figura nos estudos literários, nas histórias da literatura, ou seja, sem dar-se conta deste fato, o objetivo final do estudo intrínseco estaria sofrendo um engano proposto pela sua própria natureza, pois estaria se dedicando a estudar o texto a partir da intervenção de um intermediário e não do seu autor, o que, de um certo modo, mas talvez sem dar-se conta do fato em si, antecipasse questões que hoje nos preocupam.

Referências bibliográficas

- [1] BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- [2] CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s. d]. 132p. (Coleção Prestígio)
- [3] _____. *A Normalista* (Cenas do Ceará). 13. ed. São Paulo: Ática, 1998. 174p. (Série Bom Livro)
- [4] _____. *Cartas literárias*. 2. ed. Fortaleza: EUFC, 1999. 175p. (Coleção Nordestina, 6)
- [5] DARNTON, Robert. Os intermediários esquecidos da literatura. In: *O beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- [6] FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: *Estética: literatura, pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- [7] LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos*. Segunda série. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934.
- [8] SPAGGIARI, Barbara, PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

¹ **Autor(es)**

¹ **Carlos Eduardo DE OLIVEIRA BEZERRA, doutorando**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Campus de Assis)
Departamento de Literatura
carloveduardo.bezerra@gmail.com